

Comportamento

Muito glacê para pouco bolo

Dialética do amor paterno - Moacir Gadotti - Ed. Cortez / Autores Associados, 111 pp. Cr\$ 6.500.

Roldão Arruda

“Esse livro é uma prestação de contas de um pai. É, por isso, um relato amoroso, existencial, datado. É apenas um ponto de vista, um depoimento, nada mais”.

É assim que o autor, o educador Moacir Gadotti, 42 anos, anuncia, nas primeiras linhas, o rumo que pretende dar ao seu livro sobre o amor paterno. Trata-se de um anúncio tentador. Afinal, além de escolher um tema tão provocante e delicado para destrinchar, o autor ainda promete fazê-lo com as armas da paixão, da experiência pessoal, e à luz dos ensinamentos de seus filhos Dimitri, 11 anos, e Inaê, 7 anos. Logo, porém, percebe-se que o prato servido nas outras partes do livro não é o que está anunciado no cardápio da apresentação. Apesar de suas reiteradas maneiras, Gadotti não deixa aflorar o pai amoroso, preferindo esconder-se atrás do educador frio que generaliza e dita conselhos. “Conversar sobre os filhos deve ser uma obrigação diária do casal”,

diz ele, entre outras receitas. Prefere este caminho à explicitação de algum dos conflitos que tinha com a ex-esposa sobre a educação dos filhos, apesar de reconhecer nela a “grande educadora da casa”, muito mais dedicada que ele à solução dos problemas cotidianos.

Intercalando generalizações quase banais (“Cada casal é um casal diferente”)



com vãos sobre a dialética hegeliana (“Em ambos - pai e filho - trava-se esta luta do velho e do novo”) e citação de experiências alheias (“Marx convivia muito com as filhas”), Gadotti acaba montando um texto frio e pouco instigante, apesar de toda a candência do assunto. Os melhores momentos

do livro são justamente aqueles em que o autor, que é professor universitário, classe média, militante do PT, estudioso marxista, desce às minas de sua experiência cotidiana, para lá garimpar algumas preciosidades. Como as negociações em torno da imantada televisão, a conciliação de interesses, a descoberta da força do filho Dimitri em relação aos amigos e amores. Ou ainda o momento, brevíssimo, em que o educador biônico cede lugar ao filho que também é pai. Mas esses são raros momentos. É que servem apenas como pretexto para o autor tecer elásticas generalizações, ou armar teorias que, apesar de interessantes, ficariam melhor noutro contexto. Aqui, neste prato que não corresponde ao cardápio, elas ficam insossas de pouca consistência.

“Ser pai não é fácil” - confidencia Gadotti, com singela sabedoria, num dos poucos momentos em que torna-se cúmplice dos outros pais. Parece mais difícil, porém, reconhecer e discutir abertamente o problema, juntar as experiências enclausuradas entre as paredes do “lar”. Foi por esta trilha que o autor prometeu entrar e recuou.

Resta-lhe, porém, o inegável mérito de ter ousado remexer no assunto.